



PREFÁCIOS DE RICHARD A. MULLER
E ALBERT GOOTJES
INTRODUÇÃO DE J. V. FESKO

TEOLOGIA NATURAL

GEERHARDUS VOS


VIDA NOVA

SUMÁRIO

<i>Prefácio de Richard A. Muller</i>	7
<i>Prefácio de Albert Gootjes</i>	11
Introdução (J. V. Fesko).	17
Esboço.	81
Anotações de aula sobre teologia natural	
Prolegômenos	87
Os sistemas religiosos	103
A imortalidade da alma	179
<i>Índice remissivo</i>	189

PREFÁCIO DE RICHARD A. MULLER

Geerhardus Vos há muito tempo tem sido reconhecido como uma figura importante na teologia reformada americana, conhecido principalmente pelas suas várias obras publicadas sobre teologia bíblica. Um interesse renovado no pensamento de Vos durante as duas últimas décadas trouxe à tona sua correspondência pessoal, seu trabalho sobre escatologia do Antigo Testamento e, mais recentemente, sua *Reformed dogmatics* (Dogmática reformada) em quatro volumes.¹ Os volumes da dogmática de Vos, apresentados originariamente na forma de aulas proferidas em holandês, foram transcritos por alunos e posteriormente disponibilizados em forma mimeografada, tanto no formato de texto manuscrito quanto datilografado. Esses e outros textos teológicos do final do século 19 e início do século 20 se encontram nos arquivos do Heritage Hall no Calvin Seminary e University.

Em 2017, James Baird, então envolvido em um estudo de pós-graduação na Universidade Livre de Amsterdã sobre a ética e antropologia pactual de Vos, examinou os acervos do Heritage Hall e identificou os manuscritos de Vos sobre teologia natural. Baird passou a advogar a favor da tradução do texto recém-descoberto. Sua análise dos materiais arquivais revelou uma versão fragmentária e duas versões manuscritas completas das aulas de Vos sobre teologia natural. Levando em consideração as datas nos dois textos completos, essas transcrições são ou anotações de alunos de

¹Geerhardus Vos, *Reformed Dogmatics*, tradução para o inglês e edição de Richard B. Gaffin Jr. et al. (Bellingham: Lexham, 2012-2016), 5 vols.

aulas ditadas proferidas por alguém que não era Vos ou transcrições de seus manuscritos de aulas mais antigos — todas copiadas após a partida de Vos para o Seminário de Princeton. Os arquivos não contêm nenhuma versão anterior das palestras.

É relevante observar que esse padrão de ditar aulas relativamente bem-formadas e de preparar e preservar transcrições, às vezes como a base para publicação posterior, seja em forma mimeografada, seja em texto impresso, era relativamente comum no período. A própria dogmática em cinco volumes de Abraham Kuyper é um *Dictaten*, transcrito e posteriormente publicado.² Também foi esse processo que levou à forma publicada final da *Teologia sistemática* de Louis Berkhof.

Há um aspecto significativo das aulas de Vos sobre teologia natural que é revelado pela tradução para o inglês feita por Albert Gootjes e acompanhada da introdução de John Fesko. Ainda que comparativamente curtas, as aulas evidenciam a familiaridade de Vos com as abordagens reformadas mais antigas à teologia natural e seu conhecimento extenso de desenvolvimentos relevantes no pensamento do século 19. Embora as datas nos manuscritos existentes indiquem terem sido produzidos em 1895 e 1898, as aulas originais certamente foram proferidas de 1888 a 1893, durante seu tempo como professor de teologia da escola de teologia da Christian Reformed Church em Grand Rapids, Michigan, muito provavelmente de maneira simultânea às suas aulas sobre dogmática, que foram publicadas em forma mimeografada em 1896, após Vos ter se mudado para Princeton e perto da data das transcrições relativas a teologia natural. Sendo assim, transcrições de ambos os conjuntos de aulas foram usadas após sua partida. A diferença é que as transcrições das aulas de dogmática foram submetidas a um processo mais extenso do que as de teologia natural, resultando em uma

²Abraham Kuyper, *Dictaten Dogmatiek: College-dictaat van een der Studenten* (Kampen: J. H. Kok, 1910), 5 vols.

publicação mimeografada. Os dois conjuntos de palestras — sobre teologia natural e sobre dogmática — também têm um formato semelhante: ambos adotam a forma de pergunta e resposta, ecoando o modelo catequético do texto teológico originário usado na escola de teologia: *Kern der Christelijke Leer*, de Aegidius Francken.³

Tendo em vista o formato semelhante e a ausência de prolegômenos na *Reformed dogmatics* (Dogmática reformada) de Vos, as palestras sobre teologia natural poderiam ter servido como introdução ou parte de uma introdução. Elas incluem uma análise da religião e de provas da existência de Deus, algo característico das seções de prolegômenos escritos por vários teólogos ortodoxos posteriores; também incluem uma refutação do panteísmo, uma questão que aparece brevemente no início das aulas sobre dogmática. Ainda que essa sugestão de uma conexão entre os dois conjuntos de reflexão não demonstre ser convincente, a publicação das aulas de Vos sobre teologia natural preenche o retrato do escopo da sua teologia dogmática ou doutrinária e do seu conhecimento de desenvolvimentos teológicos e filosóficos do século 19. Minha esperança é que esta publicação estimule um interesse renovado no desenvolvimento teológico reformado na virada do século 20, em pesquisas em assuntos extremamente necessárias e, potencialmente, em mais traduções de obras ainda não publicadas de Vos e seus contemporâneos.

RICHARD A. MULLER
Lowell, Michigan

³Aegidius Francken, *Kern der Christelijke Leer: dat is de waarheden van de Hervormde godsdienst, eenvoudig ter nedergesteld, en met de oefening der ware Godzaligheid aangedrongen* (Dordrecht: J. van Braam, 1713; Groningen: O. L. Schildkamp, 1862).

PREFÁCIO DE ALBERT GOOTJES

Os manuscritos

As aulas de Vos sobre teologia natural sobrevivem em três conjuntos de anotações de alunos, todos atualmente mantidos no Heritage Hall da Hekman Library da Calvin University em Grand Rapids, Michigan. Dos três, dois são versões completas.¹ O primeiro (sigla: DG), escrito com uma letra legível, é assinado assim: “13 de Abril, 22:00 95. Grand Rapids. Mich. W. de Groot”. Willem de Groot (1872-1955) recebeu seu diploma da Escola de Teologia em Grand Rapids em 1897 e recebeu um título de mestre em teologia do Seminário de Princeton em 1918. Ele foi um missionário local e, durante seu tempo como missionário em Chicago de 1918 a 1919, estudou brevemente na Universidade de Chicago. As anotações de De Groot são notáveis pelo fato de serem a única cópia que inclui um sumário e títulos de seções. O colofão na segunda cópia (sigla: V) diz: “27 de Setembro, 1898. L. J. Veltkamp. Grand Rapids Michigan”. Lambertus Veltkamp (1876-1952) recebeu seu diploma da Escola de Teologia em 1901 e serviu como ministro a partir daquele ano até se aposentar em 1942. Como no caso de DG, a letra em V é legível. Aliás, é bastante provável que V seja uma cópia feita a partir de um rascunho. Isso é sugerido não apenas pela escrita legível, mas também pelo fato de o caderno que contém as aulas sobre teologia natural continuar imediatamente com as notas

¹Todos os três manuscritos estão presentes em “Geerhardus Vos Collection, ID: COLL/319, Series 1, Box 4, Folder 1”, nos registros de Heritage Hall na Hekman Library, Calvin Seminary e University, Grand Rapids, Michigan.

de Veltkamp das aulas de Vos sobre hermenêutica, ordenadamente separadas por uma página em branco com o título dessa nova seção.

Além desses dois, temos também um terceiro conjunto, incompleto, de notas (sigla: A). Com o texto terminando abruptamente após a pergunta 154 (o que fez com que a resposta fosse omitida), A pode não ser totalmente completo, mas ainda assim preserva aproximadamente dois terços do texto. Diferentemente de DG e V, A não inclui nenhuma indicação de quem foi o aluno que fez as anotações, e, até o momento, não foi possível identificá-lo pela escrita, que, embora, legível, é consideravelmente mais difícil de decifrar do que a dos outros dois. As aulas sobre teologia natural em A são seguidas de uma página em branco, após a qual encontramos anotações de aulas sobre exegese do Novo Testamento — com a mesma letra — que começam em algum ponto no meio do versículo 5 de Efésios 1 e terminam, de maneira igualmente abrupta, em uma análise do versículo 9. Após mais uma página em branco, encontramos mais três folhas com quatro páginas e meia de anotações ditadas de exegese do Antigo Testamento relativas aos dois últimos versículos do salmo 2. O aluno não identificado registrou as aulas começando na página voltada para o verso da contracapa, de modo que as notas do salmo 2 estão de cabeça para baixo e invertidas em relação às palestras sobre teologia natural e Efésios 1. Embora essas notas nos levem ao fim do salmo 2, elas começam abruptamente no versículo 11 com “Isso constitui um contraste absoluto com o que...” (*Dit vormt een sterke tegenstelling met wat...*).

Esses trechos sobre exegese do Antigo e Novo Testamento parecem indicar que o aluno não identificado usou o caderno em que A está registrado em sala de aula. Portanto, é possível que A, diferentemente de V (e talvez DG, dado os títulos de seção únicos desse material²), represente um rascunho original redigido no momento

²Que DG é uma cópia e não anotações ditadas originais também talvez seja sugerido pela indicação temporal “10 PM” no colofão (veja anteriormente). Isto

em que a aula estava sendo ministrada. Textualmente, há uma conformidade geral maior entre V e A do que entre qualquer uma das duas cópias e DG. Aliás, certas variantes textuais sugerem uma forte possibilidade de haver uma relação direta entre V e A,³ embora seja necessário mais estudo para comprovar essa afirmação inicial e, caso seja confirmada, para determinar se V de fato foi copiado de A, ou se eles tinham uma *Vorlage* comum (o que significaria que A não é um rascunho de sala de aula, como sugerido antes) e assim por diante. No entanto, a coisa mais impressionante com respeito às aulas de Vos sobre teologia natural é o fato de o texto ser bastante estável em DG, V e A — especialmente se os manuscritos existentes de fato incluírem tanto rascunhos quanto cópias boas e legíveis, sabendo-se que alunos do século 19 expandiam seus rascunhos e os transformavam em cópias legíveis para estudos posteriores.⁴ A forte correspondência textual sugere que os manuscritos sobreviventes são uma versão muito próxima das próprias palavras de Vos, uma circunstância que apenas aumenta seu valor para o estudo do seu pensamento.

A genealogia exata entre os três manuscritos sobreviventes merece uma exploração mais extensa do que é possível no escopo da presente obra. São de interesse especial as datas registradas em DG (1895) e V (1898). Será que o intervalo de três anos que separa

é, isso talvez indique quando De Groot terminou de copiar um manuscrito disponibilizado a ele por outro aluno, e não o horário em que o professor concluiu a série de aulas.

³Veja, por exemplo, o espaço em branco que tanto V quanto A deixam para as “Hibbert Lectures” na Q. 77.5.b e a omissão exibida tanto por V quanto por A das primeiras duas alternativas com respeito a Locke na Q. 130.

⁴Um exemplo são as aulas que o teólogo protestante holandês do século 19 J. H. Gunning Jr. (1829-1905) deu sobre a obra de Baruch Espinosa, *Ética*, de 1887 a 1888, da qual o editor tinha tanto um rascunho original quanto uma cópia legível ampliada de um só aluno disponíveis a ele. Veja a análise em Leo Mietus, introdução a J. H. Gunning Jr., *Over Spinoza's Ethica: Collegedictaat opgetekend door Chr. Hunningber: Amsterdam, 1887-1888*, edição de Leo Mietus (Zoetermeer: Boekencentrum, 2015), p. 9-10.

as anotações indica que as notas de Vos foram ditadas na Escola de Teologia de Grand Rapids mesmo em sua ausência? Ou será que os alunos de teologia copiaram as notas registradas por outros alunos e fizeram circular os manuscritos entre eles mesmos? Essas perguntas obviamente têm importância para detalhar e avaliar a recepção inicial da teologia natural de Vos. Seja como for, os múltiplos manuscritos e datas diferentes são indicativos de um certo interesse nas visões de Vos no final do século 19.

Texto e tradução

O primeiro rascunho da tradução que fiz para o inglês foi redigido com base na transcrição de V apresentada pelo estudante holandês A. Veuger, como parte de uma tese de mestrado sobre a contribuição de Vos para o desenvolvimento da teologia reformada na América do Norte.⁵ Essa primeira tradução então foi comparada com DG e A (e, na maioria dos casos, também com V, em virtude dos erros identificados na transcrição de Veuger), com todas as variantes significativas registradas. Obviamente, foi esse processo de estudo crítico que levou a conclusão anterior a respeito da estabilidade do texto em todo o conjunto dos três manuscritos existentes. Levando em consideração tanto a estabilidade quanto a acessibilidade online imediata da transcrição de Veuger, não julgamos necessário produzir uma edição crítica do texto holandês original das aulas de Vos para acompanhar a presente tradução. Ao mesmo tempo, o trabalho textual crítico que foi realizado satisfaz as exigências do trabalho diligente e, além disso, proporciona ao leitor o acesso a todas as questões textuais relevantes. Acima de tudo, é necessário enfatizar que realmente há um só texto e que muitas das variantes representam erros de transcrição ou cópia que de qualquer

⁵A. Veuger, “Geerhardus Vos en zijn bijdrage aan de gereformeerde theologie in Amerika: Tekst en context van Vos’ colleges over natuurlijke theologie” (tese de mestrado, Theologische Universiteit Apeldoorn, 2019), acesso em: 20 de abr. de 2020, <http://theoluniv.ub.rug.nl/241/1/2019%20Veuger%2C%20A.%20MA.pdf>.

forma muito provavelmente teria sido percebido e corrigido no processo de tradução e edição.⁶

Portanto, abaixo apresentamos a tradução do melhor “texto ideal”, ou seja, um texto eclético baseado principalmente em V, mas com versões corretas ou “melhoradas” provenientes de DG e/ou A. Notas de rodapé foram inseridas sempre que variantes de alguma relevância tenham ocorrido. Onde as variantes são constituídas por mais de uma palavra, colchetes de substituição (‘ e ’) marcam a extensão da variante, com uma nota de rodapé vindo após o colchete final. Variantes de uma só palavra são indicadas apenas por uma nota de rodapé. As notas adotam a seguinte forma, como neste exemplo da Q[uestão]. 75.3.a:

V e A: “moralidade” (*zedelijkheid*); DG: “racionalidade” (*redelijkheid*)

Portanto, as notas de rodapé primeiro apresentam a evidência do manuscrito para a versão preferida como traduzida no texto principal. Após um ponto e vírgula, as notas então apresentam a versão (versões) inferior(es) ou alternativa(s), junto com a evidência do manuscrito para ela (ou elas). Variantes textuais são apresentadas tanto na sua forma traduzida quanto na sua forma holandesa original, uma vez que a segunda às vezes ajuda a iluminar a natureza do erro ocorrido. Por exemplo, no exemplo anterior, a variante relativa à confusão com “moralidade” e “racionalidade” — que ocorre múltiplas vezes — é explicada facilmente pela semelhança entre os termos correspondentes holandeses (*zedelijkheid* e *redelijkheid*), especialmente ao considerarmos a semelhança entre as letras *z* e *r* na caligrafia holandesa do final do século 19. Com bem poucas exceções, as notas não apresentam nenhuma tentativa de explicar a versão preferida, embora casos que envolvem erros incontestáveis sejam marcados como tais. As várias abreviações usadas no original

⁶P. ex., o uso equivocado de “finito” (DG) no lugar de “infinito” (V e A) na Q. 91, “subjetivo” (V) no lugar de “objetivo” (DG) na Q. 202.

holandês foram resolvidas nas notas de rodapé, a não ser quando fazem parte da própria questão da crítica textual ou quando são relevantes para a interpretação.

Uma vez que os grifos em DG, V e A variam entre os manuscritos e também são internamente inconsistentes, não foram mantidos na tradução. A título de clareza, a tradução adotou — sem observações adicionais em notas de rodapé — o sumário e os títulos das seções de DG. Quanto aos números para as questões e suas respostas no curso sobre teologia natural, precisamos fazer duas observações. Em primeiro lugar, para a ordem relativa da análise do dualismo e politeísmo, a tradução segue a ordem em V e A (dualismo, Q. 59-63; politeísmo, Q. 64-68), que foi invertida em DG (politeísmo, Q. 59-63; dualismo, Q. 64-68). Essa decisão foi motivada não apenas pela maior parte das evidências do manuscrito, mas também pelo fato de a ordem em V e A seguir a ordem anunciada na Q. 44 em *todos* os manuscritos, incluindo DG. Em segundo lugar, no último terço do manuscrito (não incluído em A), a numeração tanto em DG quanto em V é confusa em lugares diferentes.⁷ Portanto, uma vez que nenhum dos manuscritos apresenta uma numeração totalmente correta das questões, decidimos nos afastar de ambos e aplicar nossa própria numeração correta na tradução. Por fim, no que diz respeito ao estilo, a presente tradução mantém a natureza um tanto formal das aulas de Vos, ao mesmo tempo que lhe confere um tom moderno em relação à estrutura das frases e seu vocabulário, para torná-la mais palatável para os leitores contemporâneos.

⁷Em primeiro lugar, em DG a numeração vai diretamente de 164 para 166, pulando 165; enquanto o texto em DG e V é o mesmo, a numeração em DG de 166 a 198, portanto, é defasada em um número em comparação com V. A numeração coincide de novo a partir de 200, uma vez que DG omite o que em V é a pergunta e resposta 199. No entanto, após o número 211, V apresenta erroneamente o texto sobre a teoria da *identidade* (212 em DG), assim omitindo o texto da pergunta e resposta sobre a teoria *idealista* (211 em DG); esse é um exemplo clássico de erro por “homoioarcton” [salto do escriba de uma palavra para outra igual no texto]. A partir de 214, o texto e a numeração em DG e V coincidem de novo, até o fim.

INTRODUÇÃO

J. V. Fesko

A teologia bíblica e a teologia natural talvez passem a impressão de serem como óleo e água, Jerusalém e Atenas, ou, nesse caso, Geerhardus Vos e Tomás de Aquino. O que uma coisa tem que ver com a outra? Vos e Tomás talvez aparentem ser um par incompatível, mas, na verdade, os dois têm muito em comum. Por mais que Vos tenha uma reputação por ser o pai da teologia bíblica contemporânea, seus primeiros labores acadêmicos foram dedicados a lecionar dogmática na Theological School, atual Calvin Theological Seminary, em Grand Rapids, Michigan. Uma disciplina em teologia natural fazia parte de suas responsabilidades docentes, cujas aulas aparecem pela primeira vez traduzidas para o português neste livro. No entanto, para estabelecer o contexto das aulas de Vos, é necessário, primeiro, expor a estrutura da teologia natural na tradição reformada mais ampla, particularmente no século 19, e, então, na própria formação de Vos. Tendo fornecido o contexto das reflexões de Vos, estaremos prontos para examinar as próprias aulas e identificar seu pano de fundo, metodologia, fontes, princípios e relação com seu pensamento posterior. Esta introdução termina com observações sobre as aulas de Vos e as possibilidades de um ressurgimento de uma teologia natural reformada.

Teologia natural na tradição reformada

No seu tratado *On the necessity of reforming the church* [Da necessidade de reformar a igreja], João Calvino (1509-1564) identificou

três questões centrais em que Roma e a Reforma divergiam: a doutrina da justificação, o culto e o governo eclesiástico.¹ Como parte de um movimento de *reforma*, Calvino e outros reformadores buscaram corrigir erros percebidos, não desconstruir e reconstruir completamente a teologia. Em qualquer apresentação correta da história da Reforma Protestante, é necessário notar as descontinuidades e as continuidades entre as igrejas protestantes modernas e suas raízes patrísticas. Nesse caso, uma das continuidades é o uso e valorização da teologia natural. A revelação natural é aquilo que Deus revela pela natureza, ou pela criação, enquanto a revelação especial é o que Deus revela pela sua Palavra. Por outro lado, a teologia natural é a interpretação e sistematização dos dados da revelação natural. De modo geral, os primeiros teólogos reformados modernos empregaram a teologia natural em diferentes graus em sua teologia, o que representa uma continuidade com os teólogos da era patrística e da Idade Média.²

Agostinho (354-430) é um ponto de ancoragem tanto para a tradição protestante quanto para a católico-romana. Na sua famosa obra *Cidade de Deus*, Agostinho afirmou que os filósofos platônicos foram os que mais se aproximavam da verdade do cristianismo, embora Platão (c. 428-348 a.C.) fosse significativamente superior aos seus discípulos.³ Em sua avaliação, os platônicos “havia reconhecido o verdadeiro Deus como o autor de todas as coisas, a fonte

¹John Calvin [João Calvino], *On the necessity of reforming the church*, trad. para o inglês de Henry Beveridge, in: Jules Bonnet; Henry Beveridge, eds., *Tracts and letters of John Calvin* (reimpr., Edinburgh: Banner of Truth, 2009), 1:123-236.

²Veja Richard A. Muller, *Dictionary of Latin and Greek theological terms: drawn principally from Protestant Scholastic theology*, 2. ed. (Grand Rapids: Baker Academic, 2017), s.v. *theologia naturalis* (p. 362-3) [publicado em português por CPAD sob o título *Dicionário de termos teológicos latinos e gregos: introdução à linguagem técnica presente nas obras acadêmicas*].

³Augustine [Agostinho], *City of God*, trad. para o inglês de Marcus Dods (1950; reimpr., New York: Modern Library, 1993), 8.1, 4-5 [publicado em português por Vozes sob o título *Cidade de Deus*, Parte I e II]. Para o que se segue, veja Alexander W. Hall, “Natural theology in the Middle Ages”, in: Russell Re Manning, org.,

da luz da verdade e o doador generoso de todas as bênçãos.”⁴ Por terem reconhecido as doutrinas da imutabilidade e simplicidade divina, eles discerniram a natureza de Deus, e, assim, concluíram que todas as coisas foram criadas por ele, o qual, por sua vez, não foi criado por ninguém.⁵ Agostinho acreditava que suas observações sobre a teologia natural dos platônicos ecoavam o ensino de Paulo em Romanos 1.19,20.⁶ Mas Agostinho observa que outros pagãos, como os estoicos, promoviam a ideia de noções comuns (*ennoiai*), que inclui a lógica, a filosofia racional e os sentidos físicos — coisas que, mais uma vez, atestam a existência do Deus que as deu aos humanos.⁷ Entretanto, por mais que Agostinho elogiasse a filosofia pagã pela precisão da sua teologia natural, ele também foi diligente em apontar suas deficiências. Há uma diferença entre aprender sobre Deus por meio dos “elementos do mundo” e aprender sobre Deus “de acordo com Deus”. Agostinho invoca a advertência de Paulo em Colossenses 2.8 sobre não nos deixarmos enganar pela filosofia e vãs sutilezas. A teologia natural dos platônicos e dos estoicos é marcada por erros.⁸

No entanto, Agostinho busca explicar como alguém como Platão poderia ter percebido a natureza de Deus sem as Escrituras. Ele considera a possibilidade de Platão de algum modo ter tido contato com o Antigo Testamento, mas acaba concluindo que a fonte específica da sua teologia natural não era uma questão tão importante, pois ele extrai conclusões da criação, ou o que ele chama em outro lugar de o “livro da natureza”.⁹ Por exemplo, Agostinho escreve:

The Oxford handbook of natural theology, (Oxford: Oxford University Press, 2013), p. 57-74.

⁴Augustine, *City of God*, 8.5.

⁵Ibidem, 8.6.

⁶Ibidem, p. 8.6. Veja Marcia Colish, *The Stoic tradition from antiquity to the early Middle Ages*, 2. ed. (Leiden: Brill, 1990), p. 142-8.

⁷Ibidem, *City of God*, 8.7.

⁸Ibidem, 8.10.

⁹Ibidem, 8.11.

“Algumas pessoas leem livros para encontrar Deus. No entanto, há um grande livro, a própria aparência das coisas criadas. Olhe para o mundo acima de você; olhe para o mundo abaixo de você! Observe-o; leia-o! Deus, a quem você deseja encontrar, não escreveu esse livro com tinta. Em vez disso, ele dispôs diante dos seus olhos as coisas que criou.”¹⁰ Agostinho promovia a leitura generosa do livro da natureza procurando o testemunho de Deus na história, no corpo humano, nas artes de engenharia, na matemática e na retórica. Os cristãos não precisam temer o ensino dos filósofos, mas reconhecer que os descrentes têm a verdade, mesmo que injustamente. Os cristãos, ele argumenta, podem se apropriar da verdade que os descrentes têm e fazer bom proveito dela. Mas, no fim, à medida que buscam a verdade, os cristãos precisam fazê-lo com a postura da “fé em busca de compreensão”; isto é, a razão precisa estar subordinada à fé, e a fé precisa se submeter à revelação de Deus.¹¹ Muito do pensamento de Agostinho sobre teologia natural permaneceu nos teólogos medievais, em diferentes graus.

Anselmo de Cantuária (1034-1109) talvez seja um dos melhores defensores da teologia natural na Idade Média, pois manteve consistentemente o modelo agostiniano de *fides quarens intellectum*, ou “fé em busca de compreensão”.¹² Embora diferentemente da interpretação agostiniana *a posteriori* da criação, Anselmo desenvolveu argumentos *a priori* nas suas obras *Monologion* e *Proslogion*. Em *Monologion*, Anselmo evita provas baseadas nas Escrituras, enquanto *Proslogion* plausivelmente se baseia na fé e na autoridade das Escrituras, que reflete seu gênero como uma oração a Deus,

¹⁰Augustine, *The essential Augustine*, edição de Vernon J. Bourke (New York: New American Library, 1964), p. 123 (Bourke traduz a partir do sermão 126.6 in: G. Morin, ed., *Miscellanea Agostiniana* [Rome: Vatican, 1930], 1:355–68); Hall, “Natural theology in the Middle Ages”, p. 59.

¹¹Hall, “Natural theology in the Middle Ages”, p. 59.

¹²Anselmo, *Proslogion*, trad. para o inglês de M. J. Charlesworth, in: *The major works*, edição de Brian Davies e G. R. Evans (Oxford: Oxford University Press, 1998), p. 87 [publicado em português por Concreta sob o título *Proslógio*].

literalmente “palavras a um outro”.¹³ O argumento de Anselmo se encaixa no que entendemos como teologia natural, mas nem todos o acharam persuasivo, em especial Tomás de Aquino.¹⁴ Tomás de Aquino tinha uma predileção maior por argumentos *a posteriori* e acreditava ser possível demonstrar racionalmente a existência de Deus pelo fato de tanto a razão quanto a revelação procederem de Deus, e, portanto, um argumento válido a partir da razão nunca se oporia às Escrituras.¹⁵ Assim, Tomás apresentou suas cinco provas da existência de Deus, mas esses argumentos não eram um prolegômeno racionalista ao conjunto doutrinário exposto em sua *Suma teológica*.¹⁶ Antes, Tomás inicia sua *Suma* sobre o fundamento das Escrituras, e suas cinco provas funcionam como um meio de confirmar a legitimidade das afirmações das Escrituras.¹⁷ Em outras palavras, o Deus da Bíblia também é o Deus da criação, o mundo externo para o qual as Escrituras apontam. Alguns intencionalmente entenderam de maneira errônea o papel das provas de Tomás por projetarem versões pós-medievais dos seus argumentos na *Suma*. Na melhor das hipóteses, as provas são vistas como estabelecendo um teísmo genérico e não a existência do Deus da Bíblia. No entanto, os críticos raramente notam que tanto na sua *Suma teológica* quanto em sua *Suma contra os gentios*, Tomás não encerra

¹³Marilyn McCord Adams, “Praying the *Proslogion*: Anselm’s theological method”, in: *The rationality of belief and the plurality of faith*, Thomas D. Senor, org. (Ithaca: Cornell University Press, 1995), p. 13-39; Gavin R. Ortlund, *Anselm’s pursuit of joy: a commentary* (Washington: Catholic University of America Press, 2020).

¹⁴Thomas Aquinas [Tomás de Aquino], *Summa Theologica* (reimpr., Allen, Tex.: Christian Classics, 1948), Ia, q. 2, art. 1, ad 2 [publicado em português por Loyola sob o título *Suma Teológica*, 9vol]; Hall, “Natural theology in the Middle Ages”, p. 61.

¹⁵Hall, “Natural theology in the Middle Ages”, p. 64.

¹⁶Contra K. Scott Oliphint, *Thomas Aquinas* (Phillipsburg: P&R, 2017); cf. Richard A. Muller, “Reading Aquinas from a reformed perspective: a review essay”, *Calvin theological journal* 53, n. 2 (2018): 255-88; Paul Helm, “Thomas Aquinas by K. Scott Oliphint: a review article,” *Journal of IRBS theological seminary* (2018): p. 169-93.

¹⁷Richard A. Muller, “The dogmatic function of St. Thomas’ ‘proofs’: a Protestant appreciation”, *Fides et Historia* 24, n. 2 (1992): 15-29.